The interview is with an activist of MABE, Movimento dos Atingidos pela Base Espacial de Alcântara (Movement of those Affected by the Space Centre of Alcântara, Maranhão, Brazil). MABE is an organization that brings together the communities of the ethnic territories of Alcântara in the defence of their rights and their dignity in the face of the environmental damages caused by the installation of the rocket launching base of the Brazilian Space Agency. MABE works with local quilombos (communities of people descended from black people who escaped enslavement) to maintain what their ancestors achieved - possession of the land and the right to live an autonomous way of life.

The interview was carried out by Luciane Rocha in 2017.

**LUCIANE:**

Pronto, minha estrela do dia!

**XXXX:**

[risos]

**LUCIANE:**

XXXX, a senhora poderia se apresentar? Dizer seu nome, sua idade, mais um pouquinho sobre a senhora, sobre a sua identidade...

**XXXX:**

Meu nome é XXXX de Jesus, eu tenho 67 anos.

**LUCIANE:**

E a senhora nasceu aqui no quilombo?

**XXXX:**

Nasci aqui e ainda estou até hoje.

**LUCIANE:**

E a senhora pode contar um pouquinho para mim da sua infância aqui no Quilombo?

**XXXX:**

Minha infância foi trabalhar em roça e com artesanato.

É, para ajudar meus pais. Porque não tinha aposentadoria, não tinha Bolsa Família nesse tempo. Aí com 12 anos que eu comecei a fazer artesanato para ajudar meus pais com as despesas de casa.

**LUCIANE:**

E todas as jovens dessa época aprendiam a fazer artesanato?

**XXXX:**

Faziam cerâmica... e roça. A gente trabalhava de manhã com cerâmica e ia para a roça. Porque a escola daqui só era até a quarta série, não tinha escola. A gente aprendia na casa das pessoas. Na cada de Neisinha, nesse tempo, ela sabia... um pouquinho. Aí a gente aprendeu assinar o nome na casa dela, com ela…

**LUCIANE:**

E como é que era a vida quando a senhora era criança? Como era a vida na roça? Tinha muita coisa diferente do que é agora? Como que era?

**XXXX:**

Ah…Não, não tinha coisa diferente. Porque meu pai roçava, tocava fogo, aí a partir daí a gente já ia limpar o roçado. Aí para poder fazer a cerca, porque aqui é cercado longe dos animais. Aí cercava e ia esperar chover para poder plantar. Em janeiro plantava. Depois de plantado, aí ia esperar nascer, aí o mato crescer também, para gente poder capinar.

Essa aí era o dia a dia da gente...Enquanto estava chovendo, a gente trabalhava mais na cerâmica. Agente fazia de manhã e de tarde, quando não ia para a roça, ficava esperando crescer para poder capinar. Mas era legal, eu gostava. *[risos]* Eu gostava…

**LUCIANE:**

E o seu pai... desde que a senhora era criança, que seu pai era uma das lideranças do terreiro, digo do Quilombo?

**XXXX:**

Não, era o meu tio. Era Crispim o nome dele. Mas eles eram assim, tão unidos, que eles faziam as coisas todas juntos. Ele era irmão de papai, o Crispim...quando era pra limpar o sítio, eles se reuniam e limparam… A estrada, a estrada não, ‘temperar’ caminho. Aí eles iam limpar, aí trabalhar na roça também, eles se juntavam e iam... trabalhar na roça...

**LUCIANE:**

E aí o seu tio morreu…

**XXXX:**

Aí meu tio morreu. E aí, sempre foi assim: ele morreu, aí eles fizeram a reunião para escolher uma liderança. Aí, dá muita gente. Aí escolheram… aí depois ele foi em Alcântara, e aí… porque eram 2 irmãos: Crispim, papai e João Grilo. E aí escolheram mesmo papai para ser a liderança. Aí depois papai adoeceu, aí eu tinha irmão. Aí ele assumiu. Tomentindo. Aí, mas Tomentino morreu primeiro que meu pai. Aí foi feita uma reunião, e aí eu assumi, estou até hoje.

**LUCIANE:**

Há quanto tempo a senhora está nessa liderança?

**XXXX:**

Ah… uns 37 ou 38 anos...

Sempre, sempre eu saía mais meu pai quando ele era a liderança, que eles iam fazer visita nas comunidades, aí eu certo, resolver o problema em Alcântara: eu também ia. Sempre eu acompanhava ele.

**LUCIANE:**

E o que que envolve essa liderança? Quais são as suas principais atividades? Quais são as suas responsabilidades?

**XXXX:**

Minha responsabilidade é organizar a comunidade, fazer reuniões, na hora que a gente tiver uma coisa para resolver a gente faz a reunião e aí convoca eles para resolver, pra gente resolver, pra decidir como a gente vai resolver. E agora, eu farei projeto também, para trazer as coisas para cá…

**LUCIANE:**

E quem ajuda a senhora?

**XXXX:**

Aqui? A diretoria, a gente faz reunião com a diretoria, e aí a diretoria resolve, e a gente vai atrás das pessoas, do órgão, para que eles possam ajudar a gente.

**LUCIANE:**

E quem são os principais parceiros? De órgãos, de ONG...

**XXXX:**

O Sebrae, ai a Petrobrás também… era muito forte também a Caneiruque, agora tem o IVO que apoia muita a gente…

**LUCIANE:**

Quem?

**XXXX:**

Ivo. Tem o Borges também, que ajuda muito a gente também...

**LUCIANE:**

Borges é que? vereador?

**XXXX:**

Não, não é nadinha. Só porque a gente trabalha muito com as comunidades quilombolas, mas ele ajuda muito a gente. Borges…

**LUCIANE:**

E além da associação a senhora participa de alguma outra instituição ou movimento social?

**XXXX:**

Não… só..

**LUCIANE:**

MABE? Montra… a senhora...

**XXXX:**

Não, eu vou na reunião deles. Quando eu sei que eles vão me convidar, eu participo da reunião deles.

**LUCIANE:**

E a senhora pode contar um pouco para mim da história desse quilombo? Como que é a história que você ouviu quando criança? Como é que surgiu ele…

**XXXX:**

Eu não sei como surgiu ele, porque quando eu entendi já encontrei...

Só que era muito diferente… de hoje. Eram uma 13 casinhas de taipa que tinham. E era só mato, era só mato. Nessa parte aqui, era só mato. Aquelas casas do outro lado, quando a gente vai nesse caminho aqui do meio, a gente não olhava do outro lado porque era só mato. Era muito diferente de hoje. Cresceu muito aqui.

**LUCIANE:**

E cresceu só com pessoas que foram nascendo aqui dentro?

**XXXX:**

É… só mesmo, só mesmo da comunidade, mesmo. E aí foram nascendo, crescendo, foram casando e fazendo casa. [risos] Mas é gostoso aqui.

**LUCIANE:**

E a senhora também quem é a responsável por dizer aonde pode construir casa, não é isso?

**XXXX:**

Ah, eles vem… vem pedir assim: “*ah, eu quero fazer casa em tal parte*”. Se tiver vizinho perto eu digo assim “vá conversar com os vizinhos. Se eles aceitarem tu faz, se eles não aceitarem... “ Não é? Porque lá uma hora dá problema, não é?

**LUCIANE:**

E a preocupação é o quê? Para não invadir o espaço da roça… é isso?

**XXXX:**

Não, é porque sempre tem uma rizinga **(9:56)**, não é? Vizinho com vizinho sempre tem uma rizinga. Aí eles vão… Aí se eu der, eles vão dizer “*XXXX que é culpada*”, não é? [risos]

E aí, eles conversando, não é, eles… Ai ai...

**LUCIANE:**

E tem alguma história, assim, de ex-escravo que a senhora conhece?

**XXXX:**

Não... minha bisavó era escrava…

**LUCIANE:**

É?

**XXXX:**

É. Papai sempre me contava que minha bisavó ela era escrava.

**LUCIANE:**

O que que é ser quilombola para a senhora?

**XXXX:**

Ah, quilombola… Eu não sei explicar muito essa parte… [risos] Mas eu tenho orgulho de ser quilombola. É. É porque da antiga, a gente não sabia que a gente era quilombola aqui nessa comunidade. É, a gente não sabia. Depois dessa associação que aí eles vieram fazer reunião por aqui,aí foram explicando pra gente, levavam a gente para fazer reuniões, aí a gente aprendeu. É...

**LUCIANE:**

Entendi. E antes… ?

**XXXX:**

Só vivia e nem… ninguém sabia se era quilombola, se não era.

**LUCIANE:**

E como que é a cultura daqui? O que que tem aqui que não tem em outro lugar, assim, que a senhora acha?

**XXXX:**

A cultura… Aqui tem Tambor de Crioula, tem Dança do Negro, tem a Festa de Santa Tereza D’ávila, tem as ladainhas, tem...essa cerâmica aqui, não é? Porque por aqui perto não tem. Só aqui mesmo, assim manual. Aí, esse aí foi um avanço essa cerâmica da gente. Depois… essa cerâmica aí tem muita gente…

**LUCIANE:**

Deixa eu mudar aqui… Deixa eu mudar aqui porque acabou a bateria.

**XXXX:**

[risos]

**LUCIANE:**

O que que a senhora mais gosta da vida no quilombo?

**XXXX:**

Eu mais gosto é das tradições. Ah, eu gosto! [risos] Ah… também de ser quilombola, também, é muito gostoso.

**LUCIANE:**

A senhora acha que não acostumaria em viver na cidade?

**XXXX:**

Não, não, não… Cidade eu não gosto! Eu não gosto [risos]...Só mesmo para passear! Depois de passar 2 dias já quero ir me embora.

**LUCIANE:**

E qual é a dificuldade que tem aqui? Coisas que a senhora gostaria que melhorasse?

**XXXX:**

Eu acho que gostaria que melhorasse a estrada, porque no inverno, meu deus do céus, é muito ruim. Que tivesse um posto médico. Mais poços, não é? Porque aqui quando é mesmo no verão mesmo, é uma dificuldade de água que só. É… Aí aqui até que não essa parte aqui. Mas ali, quem vai para ali, quem desce ali, para o Ochora, ah… é uma dificuldade de água que só. Aí, na beira da pista, aí, está vendo onde tem água.

Um posto médico, porque às vezes a gente está com pressão alta, e não tem sequer uma injeção para tomar, aí não tem. Se vem um médico fazer uma consulta, eles vão para a pousada ou para o colégio. E tendo um posto médico, não é?...

**LUCIANE:**

Imagino… E a senhora estava falando do centro de cerâmica, não é? Qual é a importância da cerâmica para vocês?

**XXXX:**

Senhora, essa cerâmica… Com cerâmica que eu criei os meus filhos. Foi… Criei meus filhos. Com Cerâmica e roça. É...Eu fazia uma fornada todo mês. Nesse tempo, era muito “vendável” cerâmica. Rendável e muito vendável. Mas também não tinha balde, não tinha esses poços, não era? Aí vinha gente de longe comprar pote para encher d’água. Criei meus filhos só com cerâmica e roça. É...

**LUCIANE:**

E na roça a senhora plantava o quê para vender?

**XXXX:**

Era só pra comer.

**LUCIANE:**

Ah, era só pra comer…

**XXXX:**

Era milho, era arroz, era mandioca, macaxeira, batata… Tudo a gente plantava. Para se alimentar e alimentar o filho da gente, não era?

**LUCIANE:**

E a senhora que é responsável também de escolher a época de pegar o barro, não é?

**XXXX:**

A gente lá, se reúne e marca: *“Quando a gente vai tirar o barro?” “É depois da festa”...*  Aí, a gente tira entre novembro, a gente tira dezembro o barro pra botar pra casa.

**LUCIANE:**

E qual a história do centro de cerâmica? Como é que… Qual foi o projeto que viabilizou? Conta pra gente...

**XXXX:**

A gente fazia era nas casas da gente. Essa cerâmica, cada qual fazia em suas casas. Aí, o Sebrae[[1]](#footnote-1) veio para cá, veio para cá. Depois da Associação, porque a Associação foi ‘coisando’ , aí a gente ia para São Luís, ia para as reuniões e falava nessas cerâmicas que a gente tinha e aí teve uma feira no Rio Paoti, aí Luiza foi. Aí… porque escolher… “*Quem vai pra Poatira? Aí vai fulano*”. Aí, Luiza foi. Nesses tempos ela foi sozinha. Aí, ela ia lá, e o governador foi lá visitar a feira e conversar com as artesãs, perguntar como estava a comunidade, como era, como não era. Aí Luiza foi dizendo. Não tinha poço, esse poço ainda. Aí ele disse que ia mandar uma pessoa aqui, aí ele mandou. Não demorou ele mandou as pessoas aqui fazerem um levantamento. Aí, eles fizeram esse levantamento. nesse tempo, o Sebrae já estava aqui. ali era uma ponta de mato, aí nós não tínhamos aquele galpão. Onde tem a casa de farinha? Lá que a gente fazia em uma casa coberta de palha, aí chovia, quando vinha a chuva molhava as louças tudinho. Então… aí eles levaram para ele. Aí ele mandou fazer aquele galpão, o centro e botar esse poço. Aí dizem “*ah Zé Reinaldo é isso…*” Mas para nós foi bom o Zé Reinaldo.

**LUCIANE:**

É? Ele era prefeito?

**XXXX:**

Governador. Porque se não fosse ele, a gente não tinha aqui, não é? A gente não fez projeto, não fez nada. Porque a gente foi para a feira aí ele foi visitar a feira e aí ele mandou fazer. E nós não tínhamos água, e água a gente usa também para fazer a cerâmica. Aí depois a gente foi fazendo projeto. Aí o Sebrae mesmo ficou aqui. Esse tempo, aí nós fizemos projetos, compramos aquela máquina ali de passar barro, compramos cadeira, compramos geladeira, construímos... fizemos aquela lojinha. É...

**LUCIANE:**

E a Associação como é que surgiu? Como é que vocês resolveram criar uma Associação?

**XXXX:**

Olha, aqui, não vinha ninguém. Não era nem estrada, era só um caminho de coco (?). Aí não vinha ninguém. Tinha uma moça, ela morava pra lá, mas já morreu, mas era muito nossa amiga, aí quando ela estava aí, dia de domingo ela vinha para o culto, aí ela começava a dizer “*cria uma Associação. Se vocês criarem uma Associação, vocês vão ver como vai melhora*r” e não sei o que. Mas eu nem… Aí depois ela veio “*eu já disse para vocês, cria uma Associação. Eu sou de uma Associação de lá, de São Luís*”. Aí começava a contar para gente. Aí, eu disse, eu que sou moradora, vou abrir uma Associação, vou fazer uma Associação. Não era nem uma Associação... era Clube de Mães naqueles tempos.

“*Vou fazer um Clube de Mães*”. Aí as pessoas “*como é que tu vai fazer? Quem vai organizar?*”. Aí eu disse “o *que isso, nós arrumamos uma pessoa para organizar*”. Aí, quando nós descemos de lá, nós fomos para uma casa que o Zezé tinha ali, não era aquela, era uma outra casa que ele tinha ali. Aí falei “*e aí Zé, como é que nós vamos fazer com o Clube de Mães?*” “*Vambora! Quem vai correr atrás?*”

Aí eu digo “*eu vou!”*

“*E como tu vai fazer?*”

“*Sabe onde eu vou?Vou no Caipiro*” que era um vereador que tinha lá no Centro Alegre. Mas é longe, aquele mora lá perto do Trevo! lá naquele ramo que vai para Alcântara e vai... ele morava para lá. Mas só que nesse tempo… Oba!

[...] [entrevista interrompida - conversa com o homem]

**HOMEM:**

Oba! Está fazendo uma entrevista?

**LUCIANE:**

É… [risos]

**HOMEM:**

Vai comprar o quê hoje?

**XXXX:**

Hoje nada, não quero comprar hoje nada.

**HOMEM:**

E a mulher daqui está para São Luís, é?

**XXXX:**

Está… Acho que está. [risos]

**HOMEM:**

Passei aí… comprou na minha mão… Ela não deixou dinheiro, não deixou nada...

**XXXX:**

Não…E não sabe quando ela vem [...]

**HOMEM:**

Tem como arrumar um pouquinho de água aí?

(conversa com o homem)

**LUCIANE:**

Eu sou do Rio de Janeiro, mas trabalho lá [na Inglaterra].

**HOMEM:**

E a senhora é o que dela? (...) de Edileine [de audio comprometido]

**XXXX:**

Nós somos primas.

**HOMEM:**

E a senhora não tem como arrumar esse dinheiro não? (...)

**XXXX:**

[risos]

[entrevista interrompida - conversa com o homem]

[...]

**XXXX:**

Esse pessoal sofre, não é? Sofre que só…

**LUCIANE:**

Eles não tem garantia nenhuma, não é, que a pessoa vai pagar…

**XXXX:**

Então… aí eles vêm, de longe…

**LUCIANE:**

Fazer o quê, não é?…. Esqueci até do que a gente estava falando. É… estava falando da Associação...

**XXXX:**

Ah, é…

**LUCIANE:**

Ah, é. Aí a senhora começou a correr atrás, foi no moço lá…

**XXXX:**

Onde Pedro… Aí ele disse “*XXXX, isso dá muito trabalho*”. Aí eu disse “ah, mas a gente quer”. Aí ele veio, fez a reunião, tirou presidente, tirou vice-presidente, tirou tudinho. Aí levou nós para São Luís, para registrar. Aí, registramos, e aí ele arrumou um deputado para gente, e aí foi melhorando… aí foi melhorando, daqui a pouco, e aí já veio o Prefeito daqui, aí meteram máquina e fizeram ramal na direita. Aí, começamos a fazer projeto.

**LUCIANE:**

Quais foram os projetos que já tiveram aqui?

**XXXX:**

Ah, já teve uma porção… Da teve de galinha, já teve de… daquele Pousada, teve do caminhão, teve muito… teve de Pontinho de Cultura, teve de Tambor de Crioulo, tem um monte de projetos. Agora teve das casas, 50 casas...

**LUCIANE:**

Minha casa minha vida, não é?

**XXXX:**

Isso. Agora nós estamos com 50 para lá, já foi aprovada, agora a gente está esperando. E aquelas casinha lá, aquelas de palha, que tem lá... de taipa.

**LUCIANE:**

E essas pessoas que ainda não conseguiram ficam ficaram chateadas? Ficam assim…

**XXXX:**

Não porque esses que não foram, foi por causa de documento, que eles ainda não tinham organizado, senão a gente tinha pedido 100. Mas, por causa de documento, não é?

**LUCIANE:**

Quais documentos que precisava?

**XXXX:**

Identidade, CPF…

**LUCIANE:**

E eles não tinham ainda?

**XXXX:**

É, mas agora eles correram atrás, tiraram, e a gente fez outro projeto.

**LUCIANE:**

Está para sair?

**XXXX:**

Já foi aprovado, a gente está esperando. Estão saindo umas casas, agora eu não sei se vem para cá, não é?

**LUCIANE:**

E porque que a senhora acha que é mais forte, aqui, a energia das mulheres, não é, de participarem da Associação?

**XXXX:**

…desde reuniões. Dá mais mulheres, é difícil dar…. é…

**LUCIANE:**

E porque que a senhora acha… ?

**XXXX:**

Não sei porquê… Os homens são mais… As mulheres, sei lá…

**LUCIANE:**

E tem muita mulher que não casou aqui também, não é?

**XXXX:**

Tem, tem muita mulher aqui que não tem marido.

**LUCIANE:**

É… Por quê?

**XXXX:**

Não sei… Não sei porque. Isso já é desde muito tempo.

Elas… As mulheres não gostam de ficar dependendo, assim, muito de homem assim [risos] Isso é que eu penso assim, não é. Acho que elas não gostam, assim, porque elas têm o trabalho delas, elas trabalham na cerâmica, trabalham com criação e aí… acho que é por isso que…

**LUCIANE:**

Elas não precisam dos homens...

**XXXX:**

Só na hora do pesado [risos]

**LUCIANE:**

É… E as que tem, eles ajudam?

**XXXX:**

Eles ajudam. Quando a gente vai tirar o barro, eles vão e ajudam. Aí, para botar, também, para ali para a casa do Artesanato, eles que botam também. Porque é pesado. Enfornar, queimar, tudo é eles...

**LUCIANE:**

É… E quais são as festas que acontecem aqui durante o ano?

**XXXX:**

Santa Tereza D’ávila, tem… a do Carmo, mas… era mais bonita a Nossa Senhora do Carmo. Mas nós não temos Nossa Senhora do Carmo, é que a gente já encontrou eles festejando… pelo Carmo. Tem São Sebastião, mas faz alguns anos que não tem. São Sebastião. O que tem todo ano mesmo é de Santa Teresa Dávila.

**LUCIANE:**

E aí eu peguei o início, o início do festejo, não é? Que foi a saída para ...

**XXXX:**

Isso… é… Para a visita pelas comunidades…

**LUCIANE:**

E elas passaram por quantas comunidades mais ou menos?

**XXXX:**

Passaram… Peri Mirim, Triângulo, Japeui e Macau. 4 comunidades.

**LUCIANE:**

Aí… o que que acontece com essas comunidades? Elas, elas rezam… ?

**XXXX:**

Não… Tem uns que tem a ladainha (?), tem outros que não.

Aí, para ajudar na festa, ai mesmo visitar já é a tradição.

Quando chega essa época, aí se a Santa… se ela não for visitar eles dizem “*não tem a festa esse ano*”.

**LUCIANE:**

Já é o aviso que vai ter a festa, não é?

**XXXX:**

Isso. É…

**LUCIANE:**

E aí, esse povo dessas comunidades eles vêm, para a festa?

**XXXX:**

Vem, vem… vem para a festa.

**LUCIANE:**

Legal. E aí, aqui o que acontece no dia da festa?

**XXXX:**

Ah, na festa tem muita coisa. Dia 14… Dia 13: é “fazimento” de bolo, no dia 14 aí tem “fazimento” de bolo também, mas tem “matação” de boi, de porco, de galinha, de pato pra dar almoço. O almoço e janta na véspera da festa, dia 14. Dia da festa, depois da missa, aí dá almoço, não é, chá, bolacha com bolo, aí a tarde vem… aí, a missa é 9 horas, terminou a missa aí é Tambor de Crioula, Dança do Negro. Aí, depois, aí vão dormir um pouquinho. 2 horas começa de novo. Aí vão para a procissão, 4 horas é a procissão. Aì, vamos para a procissão. Aí, quando recolhe, tem uma missa, uma celebração. Quando desce é o jantar, para todo mundo, e sopa também acompanhando. A procissão e a mesa. Aí, terminou da mesa, aí é festa dançante mesmo de radiola. É… no lava prato, dia 16, é só festa dançante também.

**LUCIANE:**

Agita a comunidade.

**XXXX:**

O quê!? Hum… fica todo mundo agitado. E cansado de trabalhar, não é? [risos]

**LUCIANE:**

E os homens ajudam na festa? O quê que eles fazem?

**XXXX:**

Ajudam. Eles ajudam, eles vão buscar o mastro. Dia 6. Aí, eles ajudam a fazer bolo, ajudam a limpar a comunidade, ajudam a matar porco, ajudam a matar boi. E é assim… Ajudam a assar carne. [risos] Eles ajudam.

**LUCIANE:**

E as jovens, o que que as jovens fazem?

**XXXX:**

Essas aí vão para a Igreja, vão arrumar a Igreja. Arrumar lá a casa da festa, com a gente também. Botar bandeirinha no meio do… na frente da igreja, botar no barracão, botar na casa de Santa Tereza. Todo mundo trabalhando. [risos]

**LUCIANE:**

E mudando um pouquinho de assunto, falar um pouquinho agora sobre o Centro de Lançamento de Alcântara e a Base. É… qual que é… Porque primeiro, quando fizeram lá o centro, qual foi a reação de vocês aqui, qual era a preocupação?

**XXXX:**

A gente ia muito para a reunião deles lá. Teve uma vez que foram fechadas as estradas. Aí, foi a comunidade para lá, e foram as comunidades para lá, tinha muita gente...fecharam as estradas... O medo da gente era eles atingirem a gente aqui. Esse era o maior medo que a gente tinha. E ainda tem, está vendo? E ainda tem… Porque é muito ruim, não é? Se eles atingirem a gente aqui… a gente está… A gente vive aqui quietinho, não é? E se a Base vim e tirar a gente, para onde a gente vai, não é? É muito ruim...

**LUCIANE:**

Mas, a Senhora acha que está correndo risco ainda?

**XXXX:**

Eu acho que está, está correndo risco ainda. Porque cada vez mais eles estão vindo, não é? A gente está correndo risco deles atingirem a gente aqui…

**LUCIANE:**

E, para além da Base, tem outro risco, outra preocupação?

**XXXX:**

É… por causa das demarcações de terras. É… isso aí que a gente também tem muito medo. Porque ainda não quiseram dar o título da terra para a gente, não é?

**LUCIANE:**

E em que pé está isso? Como que está essa luta?

**XXXX:**

Eles estão lá. Dizem que está uma porção de problemas lá. Uma hora eles dão, uma hora eles não dão.

**LUCIANE:**

E é quem? O governo Federal?

**XXXX:**

É o Governo Federal quem tem que dar. Agora, o governo Federal, meu Deus do céu…

**LUCIANE:**

E avançou um pouquinho quando estava Lula e Dilma…?

**XXXX:**

Avançou.

**LUCIANE:**

Avançou? O que que aconteceu nessa época?

**XXXX:**

Eles estavam invadindo aí, mas depois eles pararam. Eles pararam e os que tinham comprado foram todos embora. Não é?

**LUCIANE:**

O quê? Grileiro?

**XXXX:**

Foi, é. Eram os fazendeiros, aí foram todos embora. Aí, a gente tem aquela carta de… da Fundação Palmares. Aí eles deram para a gente. Por isso que tem muita gente que fala “*porque não quiseram já demarcar aqui*?”. Porque nós já temos essa carta há muito tempo. Da Fundação Palmares, não é.

**LUCIANE:**

Então, o que traria mais segurança para vocês, garantia, seria a demarcação das terras, não é?

**XXXX:**

Isso. É. Isso é uma segurança para a gente.

**LUCIANE:**

E são quantos hectares? Qual e a reivindicação?

**XXXX:**

55 mil hectares.

**LUCIANE:**

55 mil… que não dá nem para...

**XXXX:**

É…

**LUCIANE:**

E isso também garantiria, não é, o crescimento … se a família for aumentando...

**XXXX:**

É… Isso, é… Então, e têm muitas comunidades dentro desta área. Muita, muita, muita.

**LUCIANE:**

Que faz parte de Tamatatiua?

**XXXX:**

É. Vem dessas terras.

**LUCIANE:**

Sei. E… tem comunidades que já mudou de nome, não é? Assim, que o governo nomeou de outro jeito...

**XXXX:**

Aqui?

**LUCIANE:**

É, que nem tudo… Eu esqueci agora o nome que Heloísa falou, que é uma para cá que não é chamada mais de Tamatatiua...

**XXXX:**

**(38:00)** É Mortaz de Tua..

**LUCIANE:**

Mortaz de Tua.E como é que foi essa história?

**XXXX:**

Eles falaram que foi no tempo daquela Sucam. Não tinha, uma Sucam? Dizem que eles que mudaram esse nome. Mas eu digo “*é porque vocês quiseram*”, não é? Aí, porque se eles não quisessem não tinha mudado, não era?

**LUCIANE:**

E a Senhora acha que isso é um risco, assim, de falar “*ah,* Tamatatiua *então é só esse lado, para lá já Mortaz de Tua*”? Ou não, na demarcação já vai pegar todo mundo?

**XXXX:**

Já vai pegar todo mundo.

**LUCIANE:**

Mesmo pelo nome mudando…

**XXXX:**

Porque tem muita área que é Mortaz de Tua, ali é Tubarão, aí tem Boca de Salina, tem… deixa eu ver mais o que tem… Goiabal, tem… outras comunidades, mas ficam dentro daqui. É aquelas comunidadezinhas, não é..

**LUCIANE:**

E como a Senhora vê o avanço da Legislação e da Política para os Quilombolas?

**XXXX:**

(conversa com criança: Peraí! Venha cá, venha cá! Me dá aqui, me dá! Cadê a tua mãe?....)

[criança falando e conversa com a criança]

**LUCIANE:**

E como a Senhora vê o avanço das Políticas para os Quilombolas? Tem alguma...

**XXXX:**

Não. As políticas eles não… eles não se interessam. Quer dizer, a de Alcântara se interessa. O negócio do quilombo, pra eles nem existe. Tanto para os vereadores, como para os prefeitos..

**LUCIANE:**

E já trouxe algum benefício ter algum vereador daqui?

**XXXX:**

Hm… [risos] Ai meu deus… Pra falar verdade, rapaz, tudo o que tem aqui foi a Associação que trouxe. É… Aí…

**LUCIANE:**

E, XXXX, todos… é… existem pessoas que eram de fora, que não eram Quilombolas, e vieram morar aqui?

**XXXX:**

Só aquele crente que tem ali. Acho que é só.

**LUCIANE:**

Que comprou a casa, não é?

**XXXX:**

Foi. Acho que é só. Acho que é só ele.

**LUCIANE:**

Como que a Senhora vê a questão da mistura, assim, casal ter filho com gente branca que veio morar aqui? Já aconteceu? Como é que é?

**XXXX:**

Já… minha filha é bem clara. A mais velha.

**LUCIANE:**

É mesmo?

**XXXX:**

É. Mas ele era filho de daqui. Só que a mãe dele trabalhava em São Luís esse tempo, e ela arranjou esse rapaz pra lá. Ele era carcamano, que era pai deles. Aí, ela veio embora de novo, para cá. Aí eles vieram morar aí. E já até morreram…

**LUCIANE:**

Então não..

**XXXX:**

Não, não tem esses problemas assim…

**LUCIANE:**

Quando que… A Senhora já teve alguma experiência com o racismo?

**XXXX:**

Só que isso aqui ainda tem um pouco de racismo. A gente sente, não sente? Sente. Porque o racismo...até uma palavra que o outro diz para a gente a gente percebe, não percebe? É, percebe…

**LUCIANE:**

Mas aqui dentro não, não é? Quando saí… Ou aqui dentro também?

**XXXX:**

Aqui.... Não é muito, assim, tem…Mas a gente sente, assim, às vezes.

**LUCIANE:**

Como? Como seria? Um exemplo?

**XXXX:**

Por exemplo, como eu… É assim, desde o estudo. Se a pessoa tiver mais estudo aí… se eu não tenho muito estudo, aí ele quer que eu fique para trás dele não é? É…

**LUCIANE:**

Quem tem estudo você acha…

**XXXX:**

Outro dia, uma menina disse assim pra minha irmã...eu não sei o que que ela estava fazendo, ai ela disse “a gente não faz isso”. Aí ela ficou brava. Ela ficou brava. Ela era desse tamanhinho. E disse assim para a minha irmã “ah, tu não sabe nem ler!” E eu fiquei meu deus. Não é? Não é um racismo. Não é? é… “Tu não sabe nem ler”. Olha, eu disse, eu sei assinar meu nome, eu não sei ler, mas onde eu vou tu não vai. [risos] não é? Onde eu vou, tu não vai. E aí ela ficou depois… Eu disse “Minha filha a gente não fala isso”… Isso é um racismo. Porque nós não sabemos ler muito porque nesse tempo não tinha.. não é? Isso aí é um racismo. Se por exemplo, tem alguém que se formou, quer ser mais do que os outros. É uma coisa, assim, sem jeito. Eu digo, não é assim, não é?

**LUCIANE:**

E qual é a precaução, qual o ensinamento que a Senhora passa para os mais jovens não fazerem isso?

**XXXX:**

Às vezes em reunião, em reunião eu digo “olha, nós somos todos iguais. Ninguém é melhor do que ninguém”. É… Se os mais velhos não tiveram… como que é… o, como é que se diz, a sorte de se formar, é porque não tinha, no interior nesse tempo não tinha escola, não tinha nada. Não era? Não tinha nenhum colégio para poder fazer o nome. Era na casa de um, na casa de outro, para poder assinar seu nome. É… E hoje, não…tem colégio para tudo quanto é lado. E não se forma quem não quer, não é? É… mais ainda existe isso.

**LUCIANE:**

Mas as Senhoras têm uma sabedoria que nenhuma escola ensina, não é?

**XXXX:**

E não é? Às vezes eles dizem “*ah, seu fulano é formado.*” Eu digo “eu também sou!’ [risos] Ai, elas ficam me olhando, assim, e eu digo “*o que eu sei fazer, tu não faz. O que tu sabe, eu não sei. Então eu sou Doutora do que eu sei fazer”*. Não é? [risos] Aí, elas começam só a ficar me olhando...

**LUCIANE:**

Como a Senhora sabe que a pessoa está perdendo a cultura? Esse é um exemplo, não é?

**XXXX:**

É. É isso. Mas eu acho que é por causa desses evangélicos. Porque aqui não tinha… A cultura daqui era muito forte! Era forte, era para São Luís, para Bequemã, era para Alcântara…. Mas desde quando eles entraram aí… É porque eles vão botando na cabeça deles, aí eles vão deixando as pessoas … Dizendo que isso não é da parte de Deus, e não sei o quê, isso não… É, eles vão…

**LUCIANE:**

E não tem como expulsar esse povo daqui, não é?

**XXXX:**

Rapaz… Se eu achasse mesmo umas três das minhas máquinas eu dizia “*vai se embora!*’ Nos tempos dos velhos, do meu pai, de Laurentino, eles não ficavam aqui. Não. Eles não ficavam. Tinham vezes que eles vinham, faziam coisas em torno de Mané Grande, aí os velhos diziam “*aqui não, vão se embora*” É… Aí a cultura daqui era muito forte. Mas depois… Está terminando de se terminar.

**LUCIANE:**

E isso dá um pouco de medo, não é?

**XXXX:**

Dá… dá um pouco de medo.

**LUCIANE:**

Dos jovens, também, de não entrarem, não é…

**XXXX:**

Isso… e não é? Parece que eles fazem as coisas, assim, quando eles vão tocar um tambor, assim, parece que ficam com medo, não sei como. Dançar… assim, receando, assim. Sei lá…

**LUCIANE:**

É, e aqui todos... a Senhora acha que todos são considerados pobres aqui? Tem alguma… gente que tem mais um pouco? Como que é...

**XXXX:**

Tem um pouco.

**LUCIANE:**

Tem, não é?

**XXXX:**

Tem. A gente que quer mais, aí eles...parece que é até, assim, um preconceito.

**LUCIANE:**

Com os que não tem?

**XXXX:**

É, é isso. Não são todos. São alguns. Alguns.

**LUCIANE:**

Não se envolvem com nada…?

**XXXX:**

É, aí não querem ajudar… a organizar a comunidade. Porque eles mesmo nem pra…nem o próprio vereador...Não querem se unir para melhorar a comunidade, fazer isso, fazer aquilo. Não é? Porque tem um desse Pedro, ele dava uma força muito boa para a gente. Essa festa… Uma vez a gente fez uma festa da Associação, vixi, essa festa foi muito boa, ele se entrosava, ele dividia as tarefas de cada um, ele fazia tudo.

“*Quem vai fazer isso isso é fulano, quem vai fazer isso isso é não sei o quê*”. Assim que a gente queria que os vereadores “sejam”. Não era? Ajudar a gente. Mas não… Não ajudam.

**LUCIANE:**

Isso complica mesmo…

**XXXX:**

A gente se sente, sei lá, assim, sozinhos… Não é? Porque um vereador da comunidade e ele não ajudar nas tradições da comunidade, não é?

**LUCIANE:**

Só leva o nome…

**XXXX:**

Só leva o nome e pronto.

**LUCIANE:**

Em benefício próprio.

**XXXX:**

Aí é difícil.

**LUCIANE:**

E… existe violência aqui, XXXX?

**XXXX:**

Não… até que não. Assim, não tem assim... Às vezes eles batem boca por aí… [risos] Mas… normal.

**LUCIANE:**

Normal, é…

E… Em relação às grades. Quase todas as casas se protegem… é medo do quê?

**XXXX:**

De nada. Porque não tem nem fechadura.

**LUCIANE:**

É, não é? [risos] É Só fachada.

**XXXX:**

Só fachada. [risos] Ai… Só encostou e … pronto. Não é? É… Eu fiz isso aqui por causa de galinha, que vinha entrando aí. É boi, é porco, que vinhaM tudinho aqui na varanda. Aí eu fechei. [risos]

**LUCIANE:**

Entendi, entendi. Está bom, XXXX, vou parar aqui porque eu vou acompanhar a fornada lá. Já são 3 horas.

**XXXX:**

Vai “fornar” hoje, não é?

**LUCIANE:**

Vão, 3 horas. Aí eu estou aqui…

**XXXX:**

Ué eles ainda não “fornou”? [risos]

**LUCIANE:**

Eu vou lá…

**XXXX:**

Vão “fornar” hoje...

**LUCIANE:**

Vão… E elas falaram “*não atrasa! vai ser 3 horas.*”

[risos]

[conversa com criança]

[...]

1. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [↑](#footnote-ref-1)